

SOCIALIZAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO LINGUÍSTICA: POSSIBILIDADES NO ENFRENTAMENTO AO PRECONCEITO CONTRA A PESSOA SURDA

Rita de Cássia Galvão Pavan¹

¹Doutoranda (bolsista Capes) do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e membra do grupo de pesquisa(CNPq): 'Políticas de Educação, Formação, Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Violência Escolar, coordenado pela Prof^a Dr^a Valdelúcia Alves da Costa, Niterói- RJ, Brasil (e-mail: ritapavan@id.uff.br)

Resumo: Este artigo teve como objetivo analisar a cultura surda entre familiares surdos e ouvintes no artigo: 'Um estranho no ninho' e no filme 'A família Belier', por meio da articulação entre cultura e diferenciação linguística na metodologia descritiva, sob a égide da Teoria Crítica da Sociedade. A socialização se apresentou como possibilidade de romper com o preconceito, ao considerar a surdez como uma forma diferente de ser e estar na sociedade.

Palavras-chave: Surdez; Preconceito; Cultura; Diferenciação linguística; Socialização.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido como parte integrante das atividades do programa da disciplina: Libras, vinculada ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal Fluminense. Neste estudo teórico, considerando as condições sociais precursoras da violência social reproduzida e manifestada no preconceito contra a pessoa surda, o objetivo deste trabalho é analisar a cultura surda entre familiares surdos e ouvintes no artigo: 'Um estranho no ninho' e filme 'A família Belier', por meio da articulação entre cultura e diferenciação linguística, ao considerar a discriminação da pessoa surda em espaços de

socialização, sob à égide da Teoria Crítica da Sociedade e de estudos teóricos pautados nas reflexões sobre as categorias cultura e diferenciação linguística, corroborando à necessária discussão sobre essa temática para o reconhecimento das diferentes formas de ser e estar na sociedade.

Considerando que o indivíduo é produto da sua cultura e, por conseguinte da sociedade a qual pertence, vislumbra-se uma formação humana voltada para a perspectiva social, ética e democrática. A sociedade começa a se mobilizar pela garantia dos direitos humanos, de equidade, igualdade, ao garantir a diversidade cultural e a aceitação da diferença, ao não se contentar mais em reproduzir a lógica da discriminação, considerando o possível enfrentamento dessa lógica maniqueísta com a valorização da cultura surda e de sua língua: Libras, somente possível com a constituição da autonomia e emancipação possíveis na articulação com o coletivo. Para isso, sendo necessário refletir sobre o processo de formação da identidade do indivíduo surdo, para que se materialize no enfrentamento e direcionamento de propostas e princípios democráticos em respeito à sua diferença, vislumbrando o enfrentamento de atitudes estigmatizadas e de exclusão na família e sociedade.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi utilizada a metodologia descritiva, sob a égide da Teoria Crítica da Sociedade, para a análise da cultura e da diferenciação linguística, com base na metodologia descritiva, sob a égide da Teoria Crítica da Sociedade, ao ratificar a importância da socialização da pessoa surda como processo fundamental para construção da sua identidade e desenvolvimento humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o aprofundamento teórico sobre a cultura surda no artigo “Um estranho no ninho” foi possível tecer reflexões e articular com o filme “A família Belier,” no

que tange a dois universos diferenciados que se entrelaçam na sociedade. O primeiro é aquele em que o surdo inserido na família de pais ouvintes, se apresenta de forma diferenciada, havendo um diálogo restrito com a família, compreendendo de forma superficial a realidade que o cerca, ao constituir um vocabulário limitado à definição de objetos, necessidades alimentícias ou de higiene, fica em segundo plano os questionamentos e reflexões sobre o seu contexto de vida. O segundo se apresenta no filme: a personagem Paula, em sua conjuntura cultural tem caráter minoritário na família, ao ser a única ouvinte. Como forma de uma maior aproximação do seu núcleo familiar, busca estabelecer o domínio sobre a língua Libras, auxiliando nas atividades relativas ao trabalho ocupado pela família, no relacionamento com a clientela do pequeno comércio familiar e com o médico, quando havia uma demanda sobre os cuidados relativos à saúde.

Mediante a essa evidência, no filme transparece o conflito entre culturas, representado pela diferença de línguas e comportamentos. Paula, a filha, pode ser considerada uma 'estrangeira' na própria família, não compartilhando as suas experiências pessoais, como a participação e o desenvolvimento das suas habilidades na aula de canto, e o desejo em se aproximar do estudante popular da escola que também frequenta a mesma atividade. Quanto a isso, Dalcin (2006, p. 197) afirma:

Essa angústia se expressa na ambivalência em relação ao estranho, a qual, por um lado, demanda a exclusão dele e, por outro, o seu acolhimento. Essa ambivalência aparece na família dos surdos através dos sentimentos expressos e da forma como os familiares agem com o membro surdo, algumas vezes, aceitando-o e buscando aprender a sua língua, em outras, rejeitando-o.

É nesse contexto que transparece a contradição do comportamento da personagem principal, Paula, ao experimentar ser 'diferente' em sua família, assim como os seus pais na sociedade. Durante muitas partes do filme, a menina não compreende a externalização dos sentimentos dos pais manifestada por muito barulho (buzinas) ou gestuais, alterando entre os sentimentos de exclusão e acolhimento. Neste sentido, a maneira de agir da família é vista de forma exagerada, como quando vão buscar a filha na escola, buzinando muito, ou quando o seu colega do coral é convidado para treinar o canto em sua casa.

Nesta ocasião, a família não estava muito bem informada sobre a sua participação no coral da escola, também não entendia o motivo de Paula querer convidar o colega para a sua casa, entendendo como um possível pretendente de um relacionamento amoroso. Isso é também considerado por Dalcin (2006, p.200) ao destacar: “Assim, para ambos, o fato de que os pais e irmãos não se dedicavam a lhes explicar as situações ou a inseri-los no contexto é decorrente dessa idéia de que os surdos não têm condições de compreender o que lhes é explicado”.

Nesse filme há um olhar sensível frente aos condicionantes do comportamento do indivíduo surdo, muitas vezes excluído de uma cultura que padroniza estereótipos, ao relacionar a surdez à incapacidade. Fica bastante expresso que a família ocupa um lugar marginal na cultura da região, interior da França, devido à sua língua e cultura diferenciadas. Isso está denotado na cena em que o prefeito não aceita a candidatura de Rodolf, enxergando como incapaz para gerir um governo, pois é surdo. A discriminação também está presente, no momento em que uma cliente do mercadinho, do qual a família vende queijos, também não identifica a funcionalidade dos membros da família Belier, quando a mãe não compreende a fala, então apenas sorri após uma pergunta, deixando de estabelecer uma forma de comunicação esperada pela senhora, cliente no mercadinho da família. Nesse momento, a filha explica que mesmo os pais sendo surdos, são capazes, ao assumirem uma determinada função: a arrecadação da quantia recebida na venda dos queijos no mercadinho, na preparação dos queijos e ao embalar os produtos, ratificando a capacidade dos mesmos no processo de trabalho.

Conforme estudos de Crochík (2015) a discriminação da pessoa surda é materializada no preconceito, uma atitude, e como tal tem três dimensões: uma cognitiva, uma afetiva e uma tendência para a ação. A dimensão cognitiva é pautada em uma justificativa para essa manifestação da violência, ao definir um estereótipo e uma ideologia ao se referir ao indivíduo vítima do preconceito. A dimensão afetiva é permeada por sentimentos contraditórios frente ao alvo: a agressão, afeto excessivo ou indiferença à vítima. A tendência para a ação é voltada às atitudes de marginalização, quando há incorporação do indivíduo ao

grupo sem considerar o seu aspecto subjetivo, já na segregação, ele está fora do grupo, portanto é invisibilizado perante os demais. Consoante ao decorrido, o agressor nega a identificação e as características semelhantes ao seu alvo, evitando que exponha a sua fragilidade e também seja alvo da dominação.

A civilização brasileira em sua estrutura social contraditória, pretende-se democrática e desigual em sua essência, ao reverberar a conservação de valores impostos e estereótipos na sociedade que levam à discriminação da pessoa surda que não possui características que correspondem ao padrão de produtividade estabelecido na sociedade, considerado uma ameaça à ordem social estabelecida.

Consoante ao decorrido, fica evidente um preconceito que é velado pela filha, quando justifica a funcionalidade dos pais durante a venda de queijos no mercadinho. Nessas circunstâncias, visando uma maior aceitação da condição de diferenciação dos pais, busca dar suporte em vários momentos à família, ao traduzir para Libras as notícias do jornal e as falas de algumas pessoas influentes na sociedade, porém as muitas atribuições da personagem Paula acabam implicando no baixo desempenho nas disciplinas da escola. Essa forma de lidar com a situação demonstra o quanto a filha assume responsabilidades, com receio de expor a família ao preconceito, entretanto não possibilita a autonomia dos pais e do irmão surdo, sempre muito dependentes nas situações que prescindem lidar com o coletivo. Diante dos fatos, Dalcin (2006) esclarece que é comum os pais solicitarem a intermediação de um terceiro que, na família, é representado pelo irmão(ã) que tem maior reciprocidade com o surdo. Fora do contexto da família, precisam da mediação de professores e/ou intérpretes de Libras. Isso demonstra a pouca valorização da cultura surda, ao não reconhecer esses sujeitos como emancipados.

Nessa conjuntura, a consciência moral é fragilizada ao reproduzir uma cultura que reforça a adaptação da pessoa surda, por meio do estabelecimento de estereótipos, valendo-se de conteúdos e juízos de valor submetidos à uma hierarquia social, ao não considerar os indivíduos como autônomos e capazes de realizar os seus desejos em prol de uma sociedade pautada nos Direitos

Humanos, na realização de objetivos, para além das necessidades imediatas e determinadas pela sociedade, como ratificado por Costa (2018, p.36):

A crítica não pode negar isso, nem contribuir para aqueles (são muitos) que são contra a inclusão e combatem àqueles (também são muitos) que são favoráveis à inclusão. Pois a crítica não pode ser ingênua afirmando uma dicotomia e um maniqueísmo que bem conhecemos e sabemos que interessa à sociedade na qual impera a lógica da produção.

A realidade apresentada, condiz com uma suposta integração social, por meio da imposição de uma comunicação de massa, porém ainda há uma categorização de ideologias políticas e sociais, o que remete sua transversalidade nos serviços oferecidos pelas instituições sociais, como afirmado por Adorno (2023, p.23): “Quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado. Excluído da indústria, é fácil convencê-lo de sua insuficiência”. Dessa forma, no estudo sublinha-se a análise das contradições inerentes na sociedade, que não está imune à barbárie e manifesta o preconceito contra a pessoa surda, estigmatizado na indústria cultural, que não o considera como utilitário ao sistema de produção capitalista.

Considerando o exposto, em várias partes do filme, Paula prefere omitir escolhas e experiências enriquecedoras, como forma de evitar o preconceito da sociedade diante da cultura surda, entretanto, fragiliza a sua identidade, quando tem receio de assumir os seus gostos, ao não serem compreendidos por sua família. Este fato está disposto na cena em que é convidada pelo seu professor de canto a participar de um concurso em Paris, porém em um primeiro momento prefere se ausentar no evento, devido à constante necessidade de sua participação imposta pela família, assumindo um caráter de mediação nas resoluções de situações financeiras referentes ao comércio da família ou na tradução das falas para Libras.

Diante de tal realidade, para Dalcin (2006, p. 193), “(...) em consequência, ficam expostos a graves restrições lingüístico-sócio-culturais que acarretam sérias limitações quanto a sua subjetividade, determinam uma estagnação subjetiva e uma exclusão lingüística”. Portanto, a atitude de Paula assume um caráter que ratifica a marginalização do surdo, com um preconceito velado, ao não

estabelecer condições de inserção e de apropriação da cultura de forma subjetiva, tanto para os seus familiares, quanto para ela.

No segundo momento do filme, há um rompimento de paradigmas vinculados à condição de dependência do indivíduo surdo. Os pais e o irmão surdo passam a assumir as responsabilidades referentes ao comércio de queijo da família, mesmo sendo contra a vontade deles. É nesse contexto que Dalcin (2006, p.199) ressalva: “A exclusão se dá pelo fato de que ele transita pela língua oral, mas não tem recursos para se apropriar dela e, conseqüentemente, não tem acesso à interpretação do contexto familiar e social”. Visando romper com a estigmatização, primeiramente, há um apoio da amiga de Paula no mercadinho, porém não ocorre uma grande aceitação, devido à pouca fluência em Libras. Logo, o irmão de Paula, se propõe a ensinar Libras para a menina, também envolvida em um relacionamento amoroso com ele. Este fato demonstra a articulação entre as culturas, possibilitando a troca de conhecimento e diálogo, corroborando para a conquista da autonomia pela família. Concomitantemente, Paula passa a se dedicar às aulas de canto, reconhecendo os seus gostos e consolidando a sua identidade.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste trabalho proporcionou o entendimento e a aproximação com a cultura surda, ao demonstrar a luta pela igualdade de direitos, visando romper com a discriminação expressa na marginalização e discriminação desses indivíduos. Nesta conjuntura de construção do conhecimento consolidado em um processo de inclusão, tem sido possível identificar os limites e as possibilidades das contradições sociais, vislumbrando o enfrentamento das manifestações do preconceito.

A apropriação de Libras pelo indivíduo surdo possibilita a sua autonomia e a emancipação capazes de transformar o mundo. Com base no pensamento de Dalcin (2006, p.208), “quando o surdo desperta para os conceitos, o sinal deixa de ser apenas um movimento a ser copiado para ser um sinal carregado de

significado. Esse momento de compreensão leva o sujeito surdo a uma explosão intelectual”. Portanto, o vocabulário deste sujeito é enriquecido na coletividade, quando passa a criar visibilidade nos espaços do trabalho, escola, nas relações sociais.

Mediante ao que foi percorrido, apesar dos avanços frente a inclusão dos indivíduos surdos, ainda existem limites sociais, como expressa Dalcin (2006, p.210):

se essa língua não for compartilhada com os familiares, os surdos passam a ocupar um lugar de estrangeiro no núcleo familiar. Passam a ser aqueles que têm outra língua e outra cultura, aqueles que vêm de um outro lugar, um lugar espaço-visual, que não faz parte da história da cultura familiar. São aqueles que carregam.

Diante das considerações tecidas a partir do embasamento teórico e da reflexão sobre o filme: ‘Família Belier’, conclui-se que os principais desafios quanto a cultura surda podem ser amenizados com o engajamento dos membros familiares ouvintes. Isso engloba o interesse pelo aprendizado de Libras, possibilitando a extensão do diálogo, a articulação cultural e a compreensão da subjetividade como primordiais na constituição da identidade do sujeito surdo.

Consoante ao percorrido, ao vislumbrar a desbarbarização por meio da cultura pautada no reconhecimento humano e no esclarecimento da consciência na identificação com aquele que se diferencia de si, enfatiza-se a inclusão da pessoa surda. Para tal, Adorno (2000, p.132) analisa os preceitos de uma sociedade que ainda é calcada na barbárie, corroborando para a heteronomia na constituição subjetiva do indivíduo: “Mencionei o conceito de consciência coisificada. Esta é sobretudo uma consciência que se defende em relação a qualquer vir a ser, frente a qualquer apreensão do próprio condicionamento(...)”. Este fato é reforçado na imposição de padrões de modos de ser e estar na sociedade, desconsiderando a importância das diferentes culturas na potencialização do conhecimento, construção da identidade e desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: **Indústria cultural e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023, p.7-67.

COSTA, V.A. da. Formação, inclusão e Educação em Direitos Humanos no Brasil: Desafios e perspectivas. In: COSTA, V. A. da; VARGAS, R.(orgs.). **Direitos Humanos em Educação: Formação e Inclusão no Brasil e México.** Niterói: Intertexto X CAPES, 2018, p.35-55.

CROCHIK, J.L. Formas de violência escolar: preconceito e *bullying*. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, v.2, n. 3, p.29-56, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32559> Acesso em: 06.abr.2026.

DALCIN, Gladis. Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. In: Quadros, Ronnie Muller de (org.). **Estudos Surdos I.** Editora Arara Azul, Petrópolis, 2006, p.186-215.

A FAMÍLIA BELIÉR. Direção: Éric Lartigau. Produção: Éric Jehelmann, Phillippe Rousselete, Stéphanie Galperine. Paris: Jerico/ Paris Filmes, 2014.